

SOBRE ROMPIMENTOS DE ESTEREÓTIPOS: SINTONIA¹

About stereotype breakings: Sintonia

André Natã Mello BOTTON

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

andre.botton@edu.pucrs.br

<https://orcid.org/0000-0002-2136-7544>

RESUMO: No dia 9 de agosto de 2019, a plataforma Netflix divulgou a primeira temporada de *Sintonia*. Dividida em seis episódios, a série conta a história de Doni, Nando e Rita, três jovens que estão construindo suas vidas através do funk, do tráfico de drogas e da religião, respectivamente, na Vila Áurea, Zona Leste de São Paulo. Produzida por KondZilla em parceria com Los Bragas, a série discute temas urgentes dentro dessa periferia paulista, contudo, para além disso, a história pretende romper com alguns estereótipos e, ao mesmo tempo, mostrar a realidade "de dentro" da favela, conforme argumentaremos ao longo deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Estereótipo; *Sintonia*; Série; Funk.

ABSTRACT: On August 9, 2019, Netflix platform released the first season of *Sintonia* (*Tuning*). Divided into six episodes, the series tells the story of Doni, Nando and Rita, three young people who are building their lives through funk, drug trafficking and religion, respectively, in Vila Áurea, East Zone, São Paulo. Produced by KondZilla in partnership with Los Bragas, the series discusses urgent themes in this São Paulo periphery, however, in addition, the story intends to break with some stereotypes and, at the same time, show the reality "from inside" the favela, as we will argue throughout this work.

KEYWORDS: Stereotype; *Sintonia*; Series; Funk.

É a voz do gueto gritando pro mundo

Que a favela também tem direito

Mc Menor MR

Assim como nos últimos vinte anos temos visto uma participação significante de autores(as) oriundos(as) de espaços marginalizados no campo literário brasileiro, as representações estéticas do cinema, da televisão e de outros meios artísticos e culturais

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil.

também têm recebido outros atores sociais para criar representações sobre si, a partir de seu ponto de vista dentro do campo social. Caso exemplar dessa afirmação é a primeira temporada da série *Sintonia*, disponível na plataforma Netflix desde 2019. Ao longo deste trabalho, discutiremos como ela estabelece relações de quebra de estereótipos e ao mesmo tempo discute preconceitos sobre as favelas ou periferias arraigados no imaginário social brasileiro há muito tempo. Contudo, antes de abordarmos diretamente o que é proposto neste artigo, cabe uma contextualização bibliográfica e também uma discussão prévia sobre um trabalho contundente que mapeou regiões periféricas brasileiras e que nos auxilia a introduzir o tópico aqui em questão.

Em 2014, Renato Meirelles e Celso Athayde publicaram o livro *Um país chamado favela*. Conforme o subtítulo da obra: “a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira”, realizada durante o ano de 2013. Trata-se de um estudo – o *Radiografia das Favelas Brasileiras* – realizado em 63 favelas de dez regiões metropolitanas de todo o Brasil, em que duas mil pessoas foram ouvidas pelo Instituto Data Favela. Como justificativa para o título, “os 11,7 milhões de habitantes das favelas, grupo que equivale a 6% da população brasileira”, seria equivalente a “um estado, as favelas seriam o quinto mais populoso da federação, capaz de movimentar 63 bilhões de reais a cada ano” (MEIRELLES; ATHAYDE, 2014, p. 28). Apesar de o título remeter a uma homogeneidade, os pesquisadores consideraram as favelas em sua heterogeneidade, de modo que cada espaço urbano foi visto e tratado dentro de suas características específicas, historicidades e condições próprias. As perguntas foram realizadas por equipes das próprias favelas que interrogaram os moradores sobre os mais diversos temas: média salarial, bens de consumo adquiridos nos últimos anos, o “sentimento de orgulho” em ser morador de favela, as idades dos moradores, acesso à Universidade, gosto musical; além disso, o estudo também abrangeu outros tópicos, como: violência, políticas públicas (como o programa Bolsa Família), melhorias efetivadas pelo Estado (como saneamento básico, distribuição de água, coleta de lixo, construção de creches e hospitais), ascensão social, construção de casas lotéricas, instalação de caixas bancários eletrônicos e mobilidade urbana. Além dos dados “brutos” coletados, os autores misturam ao longo do livro histórias dos moradores, que narram as dificuldades em suas vidas – como as de qualquer outro brasileiro – e que demonstram explicitamente um sentimento de pertencimento ao seu espaço.

A pesquisa demonstra, seja no morro, seja no asfalto, que o retrato do país – suas alegrias ou tristezas – está presente em qualquer grande cidade. *Um país chamado favela* torna-se um trabalho de desmistificação de preconceitos e, de quebra, de estereótipos criados há mais de 100 anos, desde o surgimento da Favela da Providência, no Rio de Janeiro, ou do Quilombo do Jabaquara, em São Paulo. Além disso, conforme o texto de apresentação do rapper, ator, escritor e ativista MV Bill, “o Brasil desconhece a favela, uma vez que seus funcionários em geral têm horror a ela. Então, a favela é retratada na mídia como um conjunto de estereótipos, passando, assim, para as pessoas, conceitos prontos, cristalizados” (MEIRELLES; ATHAYDE, 2014, p. 17).

Por esse mesmo caminho de quebras de estereótipos e de rompimento com padrões previamente estabelecidos, no dia 9 de agosto de 2019, a plataforma Netflix – provedora global de séries e filmes via *streaming*² – divulgou a primeira temporada da série *Sintonia*. A série, dividida em seis episódios, conta a história de Doni, Nando e Rita³, três jovens que estão construindo suas vidas através do funk, do tráfico de drogas e da religião, respectivamente, na Vila Áurea, Zona Leste, de São Paulo. Conforme o site de KondZilla, criador e diretor da série:

Doni (MC Jottapê), Nando (Christian Malheiros) e Rita (Bruna Mascarenhas) vivem um pouco do que é o cotidiano do jovem das favelas de São Paulo. Em 6 episódios de mais ou menos 40 minutos o trio mostra como a vida na periferia pode ser influenciada por três grandes fatores: música, no caso o nosso funk, religião e o crime. Esses três elementos se fazem presentes na vida deles e pode mudar o futuro de um jovem. No entanto, as experiências da infância os levaram a trilhar caminhos bem diferentes, e o trio entende que só quem pode salvá-los dos problemas com os quais se envolveram são eles mesmos. O seriado foi gravado durante cinquenta dias no segundo semestre de 2018 em

² Ainda que não seja o objetivo deste artigo, cabe uma breve reflexão também sobre o lugar de exibição da série: uma plataforma digital em *streaming*, em que os espectadores escolhem o que vão assistir, diferentemente da televisão aberta, por exemplo, ou na TV a cabo. É o espaço da TV que não está aberto para esse tipo de representação? Ou o espectador brasileiro que não aceitaria ou não está preparado para discutir esses temas? Além disso, o panorama que a série traz revela-se transgressor do próprio modo de representar sujeitos marginalizados socialmente e, com isso, propõe rupturas de conceitos que usualmente a TV evidencia, seja nos noticiários, seja nas telenovelas.

³ Além de contribuir para a carreira desses três jovens atores, os produtores de *Sintonia* também revelam a preocupação com a produção cultural brasileira: todas as músicas são de jovens MC's, funkeiros atuantes na cena musical brasileira. Ademais, no primeiro episódio, Nando e Scheyla, sua esposa, aparecem jogando vídeo game. Segundo o site da IMDB, o jogo de corrida de carros se chama “Horizon Race” e foi desenvolvido por jovens brasileiros. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt8165086/>>. Acesso em: 23 nov. 2019.

diversas quebradas de São Paulo e reuniu uma galera da pesada pra fazer com que *Sintonia* viesse com aquele gostinho de familiaridade com a vida real.⁴

Sintonia discute elementos que estão presentes na vida dos jovens moradores de uma periferia urbana brasileira. KondZilla, um dos produtores e criador original da série, é o nome artístico do maior produtor de funk brasileiro, Konrad Dantas. No momento da escrita deste texto (novembro de 2019), o canal no YouTube do produtor possuía 53,3 milhões de inscritos e mais de 27 bilhões de visualizações em seus vídeos. Nesse contexto, é importante destacar a descrição do canal: “Somos o Canal KONDZILLA, o maior canal de funk do mundo. FAVELA VENCEU”⁵. Seu criador, nascido na Favela do Santo Antônio, no Guarujá, São Paulo, em 2008, após a morte da mãe, mudou-se para a capital paulista para estudar Cinema 3D. Conforme entrevista concedida ao portal “Omelete”, sobre *Sintonia* e a sua relação com o funk, KondZilla afirma:

Esses videoclipes começaram a ser o meu olhar sobre uma periferia que eu não conhecida e ainda estava explorando. Era o olhar de um forasteiro, alguém de fora, encontrando os signos que a galera queria passar dentro daquele vídeo. O que eu pensei foi: se está todo mundo mostrando, eu preciso registrar esse signo. [...] Sou muito grato ao Rio de Janeiro por ter inventado o funk e fico mais feliz ainda em perceber que isso não é só um gênero musical. Isso está se tornando um movimento musical. O funk não tem que ficar só aqui. Ele é global, uma manifestação cultural e social.⁶

É importante notar que o funk é considerado ao mesmo tempo signo social e manifestação cultural, mas, infelizmente, ainda é tratado com preconceito por boa parte da população brasileira⁷. *Sintonia*, produzida por Los Bragas⁸ (Rita Moraes, Felipe Braga e

⁴ Disponível em: <<https://kondzilla.com/m/sintonia-tem-a-segunda-melhor-estreia-na-netflix-para-uma-serie-no-brasil/#materia>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/KondZilla/about>>. Acesso em: 18 nov. 2019. Sim, a favela venceu! Prova disso é a notícia publicada no dia 17 de outubro de 2019, com o título “Sintonia tem a segunda melhor estreia na Netflix para uma série no Brasil”: “A Netflix revelou em um relatório ao seus investidores que ‘Sintonia’ foi a segunda melhor estreia para uma série no Brasil. A produção foi um dos destaques da companhia no terceiro trimestre, ao lado de outras séries queridinhas do público como Stranger Things e La Casa de Papel”. Disponível em: <<https://kondzilla.com/m/sintonia-tem-a-segunda-melhor-estreia-na-netflix-para-uma-serie-no-brasil/#materia>>. Acesso em: 18 nov. 2019. Mesmo com esse sucesso, ainda não há informações sobre uma possível segunda temporada.

⁶ Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/netflix/quem-e-kondzilla-serie-sintonia>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

⁷ Em 2017, o Congresso Nacional chegou a discutir a criminalização do funk. Nesse mesmo ano, a prisão do

Alice Braga), coloca o funk como fundo musical, maneira de ascensão social, sonho dos três jovens em construir carreira através desse ritmo, discussão sobre preconceito e estereótipo e modo de discurso sobre a realidade da periferia paulistana. Desse modo, nossa intenção neste trabalho é discutir a narrativa e a maneira com que as três personagens se inserem na sua favela, o modo com que encaram as suas realidades, seja por meio do funk, seja por meio das drogas ou da religião, e como os estereótipos são (ou não) desconstruídos ao longo dos seis episódios. Para além disso, a série também possibilita a discussão de outros assuntos polêmicos, como a movimentação econômica que a venda de drogas gera em toda a favela e em seu comércio geral.

UMA SOCIEDADE CONSTRUÍDA A PARTIR DO ESTEREÓTIPO

Como já afirmamos, para além da qualidade de direção de arte, de roteiro, de caracterização e de direção musical, *Sintonia*⁹ possibilita a ampliação da discussão de temas emergentes na sociedade brasileira, de um modo geral, nos últimos anos. Contudo, parece-nos que a série pretende romper com padrões preconceituosos dentro do pensamento mediano brasileiro e, ao mesmo tempo, ao lançar os seis episódios na

DJ Rennan da Penha, organizador do Baile da Gaiola, na Vila Cruzeiro, no Rio de Janeiro, acusado de associação ao tráfico de drogas, contribuiu para a discussão sobre os preconceitos que envolvem essa expressão cultural. Contudo, o DJ foi indiciado ao Grammy Latino de 2019, na categoria “Melhor Clipe Curto”, pelo clipe musical “Me solta”.

⁸ “A LB ENTERTAINMENT é uma produtora de entretenimento que possui inovação em seu DNA e produz narrativas de ponta para várias plataformas, explorando formatos originais ao criar propriedade intelectual relevante. Nomeada ao Emmy Internacional por dois anos consecutivos (com *Latitudes* e *A Vida Fora dos Campos*) e palestrante do SXSW por quatro anos seguidos, a LB estabeleceu parceiros nos Estados Unidos, Austrália, Argentina e Reino Unido, realizou projetos com canais e plataformas tais como Netflix, HBO, TNT, Warner Channel, Red Bull, YouTube, e colaborou com grandes organizações internacionais, como as Nações Unidas e a Fundação Nelson Mandela. Explorar novos formatos, novas formas de contar histórias originais é o que motiva a LB, uma empresa que busca alto valor de produção para seus projetos através de criatividade, cooperação e acesso especial a novas ideias e talentos. A equipe da LB é totalmente dedicada ao desenvolvimento de propriedade intelectual original e acredita profundamente na força das vozes emergentes na América Latina, bem como no diálogo que tais talentos podem estabelecer com audiências globais. Isso significa trabalhar com independência – em nome de ideias ousadas”. Disponível em: <<http://losbragas.com.br/bio/>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

⁹ A produção e desenvolvimento da série também gerou um movimento significativo em outras plataformas musicais como o Spotify e o YouTube. No primeiro – no momento da escrita deste texto, 23 de novembro de 2019 – a playlist de *Sintonia* possuía 16.556 seguidores, além disso, a música “Te amo sem compromisso”, lançada na série, faz parte das 50 mais tocadas no Brasil. Já no YouTube, o clipe da música – gravado com as personagens da série na mesma favela da ficção – alcançou mais de 54 milhões de visualizações. Ou seja, o lançamento da história na Netflix fez com que outros serviços de streaming fossem atingidos pelo sucesso que a produção atingiu. Contribuindo, desse modo, para o argumento sobre a necessidade de estudo que esse produto cultural pede para si.

plataforma da Netflix, abrange os mais de 100 milhões de assinantes ao redor do mundo, tudo isso em torno da “realidade” de uma favela ao som do funk paulistano. Os estereótipos são abordados ao longo de todos os episódios: seja em relação à religião, seja em relação ao tráfico de drogas ou ao funk.

Para Homi Bhabha, “o estereótipo é um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório, ansioso na mesma proporção em que é afirmativo, exigindo não apenas que ampliemos nossos objetivos críticos e políticos mas que mudemos o próprio objeto da análise”¹⁰ (1999, p. 110). Antes mesmo da fixidez de um estereótipo, subjaz a ele um discurso paradoxal inventado a partir do não conhecimento do outro e que, criado por um sujeito que detém certo nível de poder em suas mãos, se perpetua. O estereótipo se concretiza, assim, sob a força de um discurso ambivalente entre o que já se conhece e aquilo que deve ser continuamente repetido. Ele mistura em si uma série de imagens construídas a partir do pré-conceito de um sujeito que elimina a subjetividade do outro, este último, por seu turno, é visto apenas como objetificação do olhar julgador do primeiro.

Isto porque é a força da ambivalência que dá ao estereótipo colonial sua validade; ela garante sua repetibilidade em conjunturas históricas e discursivas mutantes; embasa suas estratégias de individuação e marginalização; produz aquele efeito de verdade probabilística e predictabilidade que, para o estereótipo, deve sempre estar em excesso do que pode ser provado empiricamente ou explicado logicamente. (BHABHA, 1999, p. 106, grifo do autor).

Logo no primeiro episódio, intitulado “Pegaram a Cacau”, Doni visita um colega de escola, morador de um condomínio; enquanto os dois conversam, a mãe, dona da casa, chega e olha para o morador da periferia. Em um zoom, acompanhamos junto com a câmera, o olhar da mulher, que se detém nos brincos, fones de ouvido, tatuagens e relógio de Doni. Ou seja, em um *plongée*, percebemos a relação de poder (e de preconceito) estabelecida pela mulher de classe média em relação ao outro, que nesse momento é inferiorizado pela personagem feminina. A visão dela revela ao mesmo tempo a predictabilidade que o estereótipo possui e a afirmação do discurso que ele carrega, pois

¹⁰ Conforme os termos de Bhabha, a produção de um artigo nos moldes científicos a respeito de uma série da Netflix que tematiza um assunto marginalizado culturalmente já se torna por si só um ato político, pois o objetivo crítico se volta para um esforço de ampliação de conceitos estabelecidos dentro da tradição de estudo de objetos culturais hegemônicos.

em um segundo momento, enquanto Donise aproveita do cenário da mansão onde está para gravar um vídeo anunciando sua música, a mãe chama o filho para almoçar, não convida Doni e fica em um segundo plano da cena tendo uma conversa que parece ser sobre o jovem morador da favela.

A diferença que a mãe estabelece em relação a Doni é muito clara nessa cena, “se apoia no reconhecimento e repúdio de diferenças sociais/culturais/históricas” (BHABHA, 1999, p. 111) para com o jovem que quer ser MC¹¹. Ao mesmo tempo, a forma depreciativa com que olha para Doni nos permite perceber uma suposta soberania que se reflete na conversa/discurso que estabelece com seu filho. Homi Bhabha percebe a conexão que existe entre estereótipo/discurso/poder, o poder embasado em uma fala supostamente legitimada, mas que autoriza a perpetuação do estereótipo, pois quem produziu o discurso estereotípico primeiro foi um sujeito que detém em si certo prestígio social e autonomia de produção de saber. Pois, “os sujeitos são sempre colocados de forma desproporcional em oposição ou dominação através do descentramento simbólico de múltiplas relações de poder que representam o papel de apoio, assim como o de alvo ou de adversário” (BHABHA, 1999, p. 113).

Dentro desse campo social, conforme o trabalho de Pierre Bourdieu (2015), há lutas internas entre os agentes por conquista de posição legítima de fala; a partir dessa perspectiva, os capitais econômico e cultural imperam como dois polos hierarquizados – e hierarquizantes – que determinam quem pode ou não falar e deter o poder de falar legitimamente.

No entanto, o mais importante é, sem dúvida, que a questão desse espaço é formulada nesse mesmo espaço; que os agentes têm sobre este espaço, cuja objetividade não poderia ser negada, pontos de vista que dependem da posição ocupada aí por eles e em que, muitas vezes, se exprime sua vontade de transformá-lo ou conservá-lo. (BOURDIEU, 2015, p. 162).

¹¹ “MC” é um acrônimo de Mestre de Cerimônia, que surgiu por volta dos anos 1950, nas festas jamaicanas. Nesses salões, sob o comando de DJs que tocavam suas músicas misturando jazz, ritmos caribenhos e blues, os MCs eram as pessoas que apresentavam, animavam e conduziam o evento. Mais tarde, nos Estados Unidos, juntamente com o movimento Hip Hop, o MC começou a ganhar a função mais próxima da que vemos atualmente e a ser chamado assim. O MC é a pessoa que, enquanto o DJ toca a música, canta e anima o público, sendo que hoje essa nomenclatura é atribuída aos cantores de Hip Hop, mas muito mais aos que cantam funk.

Ainda sobre esse poder do discurso,

[No espaço de poder], consequentemente, o homem que pode convencer os outros que o que ele fala é realmente um "fato" enraizado no exterior do discurso tem acesso ao que é universal. Ele controla a cultura, as definições identitárias e o mundo político-econômico. (IMBERT, 2008, p. 43, tradução nossa).

Tanto Patrick Imbert quanto Pierre Bourdieu percebem, a partir do texto de Foucault sobre o discurso, as relações de poder que os sujeitos impõem à sociedade, de modo que todos os agentes sociais identificam o estereótipo discursivo engendrado ao longo do tempo e o aceitam – para não cair como presa fácil em um sistema estabelecido – ou o burlam, em uma tentativa de quebrar com os padrões. Na série em questão, percebemos essa dinâmica imperada pelo discurso de poder, no episódio dois, “Fiz uma pro crime”, no momento em que Nando e Doni são parados em uma blitz policial. Nando está começando a crescer dentro do sistema do tráfico e, por isso, ele carrega no porta-luvas do carro uma arma. Como ele é negro, percebe que com certeza será abordado pelos policiais. Essa blitz acontece porque, na noite anterior, um homem ligado à polícia foi assassinado. Doni também tem consciência do que vai acontecer em seguida, mas, na tentativa de ajudar o amigo, pega o revólver, esconde-o embaixo da camisa, sai do carro e ajuda uma senhora que está passando na rua com suas compras. Ele passa ao lado dos policiais e não é abordado, por ser branco, conseguindo salvar, naquele momento, o amigo. Contudo, como já era esperado, Nando é abordado pelos policiais e, sem ter nenhum motivo legal que o fizesse ser preso, é detido. Juntamente com mais três jovens negros, na delegacia, são questionados sobre o homicídio. O policial que interroga os três volta-se para Nando e diz que ele se parece muito com a descrição da viúva que estava junto do policial assassinado no momento do crime, porém – conforme as cenas em *flashback* – no momento da morte, Nando usava capacete, pois estava na carona de uma moto. Ou seja, a descrição que a mulher deve ter dado aos policiais foi a de um homem negro. O investigador – seguindo uma visão preconceituosa – reuniu todos os negros – importante destacar o movimento da câmera durante a cena, que enquadrava os rostos dos três mostrando a diferença que eles possuem – como suspeitos, muito mais pela cor da pele do que por indícios de uma investigação. Por outro lado, voltando à cena dentro carro,

percebemos que tanto Doni quanto Nando conhecem o discurso brasileiro vigente, ou seja, se é negro, é suspeito e deve ser abordado pelos agentes e defensores da lei, aceitando, em alguma medida, esse discurso. Porém, no episódio três, “Segunda chance”, Nando afirma, quando é levado para “as ideias” – espécie de QG central dos homens que comandam o tráfico de drogas na favela –, “lá fora tá todo mundo querendo matar nós, a nossa luta é contra o sistema” (SINTONIA, 2019, III), o que denota o esforço em tentar mudar o padrão discursivo vigente que até pouco tempo ele aceita para não cair no mesmo sistema.

Desse modo, “o processo de atribuição controlado por aqueles que possuem o poder de definir a identidade do outro e congelá-lo está enraizado em uma essência que reduz a identidade daquele que é submetido a essa construção à lógica da soma zero” (IMBERT, 2008, p. 48, tradução nossa). A identidade de Nando é condicionada apenas à cor de sua pele e isso o faz sempre um possível suspeito, dentro dessa lógica da soma zero, ou seja, para que um possa ganhar, o outro deve, necessariamente, perder. Sobre esse discurso racista que age no caso de Nando, percebemos que:

É um texto muito mais ambivalente de projeção e introjeção, estratégias metafóricas e metonímicas, deslocamento, sobre determinação, culpa, agressividade, o mascaramento e cisão de saberes “oficiais” e fantasmáticos para construir as posicionalidades e oposicionalidades do discurso racista [...]. (BHABHA, 1999, p. 125).

Outro caso de afirmação de estereótipo surge na relação de Rita com a igreja evangélica que a acolhe após uma briga com a mãe de sua amiga, Cacau. No quarto episódio, “O certo pelo certo”, a pastora, responsável pela “Igreja Pentecostal Ministério da Graça e Adoração”, não aceita as melhorias que Rita tenta propor para a festa e para o templo. A jovem consegue caixas de som mais potentes e tenta retirar alguns bancos para que o ministério da dança se apresente, conforme a sede da igreja faz. Contudo, a pastora não aceita as melhorias que Rita está propondo e as veta, pois o discurso que o seu modelo de igreja possui não é o mesmo da adolescente. Mais uma vez, a posição ocupada pelas duas personagens faz com que elas tenham modos distintos de encarar o estereótipo, rompimento e conservação. Segundo a perspectiva da pastora, as coisas da igreja precisam ser mantidas e o discurso que esse espaço possui deve se manter sempre o mesmo – com ou sem estereótipo –, por outro lado, Rita percebe a ineficácia que a conservação de certos

estereótipos relacionados à igreja possui e tenta rompê-los, mas a posição que a pastora ocupa não a autoriza a fazê-los. Dentro dessa acepção, a jovem luta para se afirmar enquanto sujeito, detentora de discurso, mas não é ouvida, pelo contrário, é silenciada a todo momento pela voz autoritária da pastora. Por mais que Rita mude as suas roupas para se enquadrar aos padrões que a igreja requer, naquele templo da favela, ela não será aceita. Mas, ao conhecer a sede da igreja, todo o sistema de comunicação que ela possui, a grande quantidade de dinheiro que circula, o maior número de pessoas que a frequentam e a possibilidade de ser batizada e se tornar diácono, começa a aspirar a algo maior, pois percebe que é somente na sede que a sua voz será ouvida e onde também poderá romper com certos estereótipos atribuídos à sua imagem.

Doni, Nando e Rita circulam, desse modo, por espaços sociais que estão impregnados de discursos estereotípicos, ao longo dos seis episódios de *Sintonia*, os jovens tentarão romper com essas visões preconceituosas a eles atribuídas. A série, ao ser desenvolvida por agentes que circulam por essa realidade – além dos efeitos e enquadramentos de câmera – consegue atingir esse objetivo, o que tentaremos demonstrar a seguir.

AS QUEBRAS E ROMPIMENTOS DOS ESTEREÓTIPOS

Até este momento, apresentamos cenas de *Sintonia* relacionadas à teoria que afirmam discursos estereotipados da sociedade brasileira. A partir deste ponto, intercalando com os três protagonistas e o modo como se inserem em seus espaços sociais – o mundo do funk, do tráfico de drogas e da religião –, vamos expor como a série também apresenta rompimentos desses estereótipos e aproxima a ação das personagens em movimentos de quebra de preconceitos.

Retomando a pesquisa de Renato Meirelles e Celso Athayde,

A chamada “comunidade funk” tem hoje cerca de 10 milhões de brasileiros com mais de 16 anos, a maior parte das classes C e D. Pelo menos 77% ouvem funk diariamente e 50% comparecem a um baile do gênero ao menos uma vez por mês. Dos fãs, 22% consideram o estilo pura diversão, bom para dançar. No entanto, 26% exprimem ambições, ou seja, o convite a uma experiência de superação e ascensão. No início de 2014, o MC Guimê, por exemplo, de Osasco (SP), faturava

mensalmente em torno de 1,4 milhão de reais e o vídeo de sua composição “Plaquê de 100” tinha mais de 44 milhões de visitas no YouTube. (2014, p. 109-110).

Os três jovens protagonistas de *Sintonia* se enquadram na “comunidade funk” de sua comunidade. Contudo, é Doni que quer se tornar MC e estaria naquele número dos 26% dos jovens que têm ambições de crescer, se tornar famosos e ganhar dinheiro trabalhando com o ritmo musical. Mas o seu caminho até o sucesso não será fácil: uma música dele é roubada, o produtor que ele consegue o trata como objeto e quando vai a um programa de auditório, após a morte do pai, é ridicularizado pelo apresentador preconceituoso e afirmador de um discurso sobre o que um funkeiro veste ou não. Antes de se apresentar, quando pretende entrar no estúdio onde o programa é gravado, a produtora diz para Doni que ele não se parece com MC, pois não está vestido conforme um funkeiro de verdade. O jovem, após a chegada do produtor, é encaminhado a um camarim e lá recebe todos os acessórios e roupas que o enquadrariam na imagem de um “verdadeiro” MC. Durante o programa, fica visivelmente incomodado com as perguntas e a forma com que o apresentador o trata, por exemplo, quando este questiona: “se eu quiser ser um funkeiro, como é que eu faço?”, ao que o jovem responde: “Tem que cantar, ter um estilo e não deixar de ser quem você é” (SINTONIA, 2019, VI). Entretanto, o apresentador foca apenas na parte da sobre o estilo, e, nesse momento, a produtora sobe ao palco e leva ao cérebro do programa todos os adereços que configurariam o “estilo funkeiro”, enquanto compõe um personagem estereotipado de funkeiro, a plateia ri, mas o MC não gosta da “brincadeira”, conforme destacada pelo apresentador. Nesse momento, Doni vai cantar sua música, com *playback* ao fundo, mas, no meio dela, para e começa a cantar “Não vai ser fácil/taxado de boy” *a cappella* como homenagem ao seu pai que havia morrido há pouco tempo.

É, não é fácil chegar até aqui
Tive que resistir
Correr atrás, batalhar
Valeu maezinha por tá orando por mim
Não me deixar sozinho
Sempre me incentivar

Taxado de boy pelo um montão
Dentro da favela onde eu nasci

Valeu pai pela motivação
Ah, como eu queria que o senhor tivesse aqui

Mas eu fui em frente e persisti
Sei que vou conseguir meu sonho realizar
Estourar no funk e explodir
E fazer aplaudir quem gostava de criticar

Sem luta não há conquista
Por isso que nós nunca para de lutar
Não vai ser fácil, mas isso não é desculpa
Quem corre, alcança
Eu tô chegando, avisa lá
(SINTONIA, 2019, VI).

Enquanto canta, MC Doni é reconhecido como artista para além de todos os estereótipos previamente atribuídos a ele, pois demonstra que não precisa de uma gravação para se apresentar, mostra que a letra de música tem conteúdo. Conforme a letra acima, para além das rimas, a música fala sobre a luta que envolve correr atrás de um sonho, mostra que mesmo dentro da sua favela sofre com preconceito por ser “boy” (derivado de playboy) e diz que ele “tá chegando lá”, está atingido o sucesso e o sonho que o motivam a persistir, ou seja, o conteúdo da composição aborda temas relativos a qualquer pessoa que possui um objetivo na vida, porém, acima de tudo, o sucesso que ele alcançará vai “fazer aplaudir quem gostava de criticar”. Doni emociona a todos que estão ali, exceto o seu produtor, que está claramente perturbado com a mudança do jovem. A cena em questão, que se passa no sexto e último episódio, “Mesma sintonia”, desconstrói todos os pré-conceitos formados em torno da figura de um MC, tanto os do apresentador quanto os da plateia, que ovaciona Doni, e também os de quem assiste ao episódio.

Outra tentativa de rompimento de estereótipo diz respeito ao mundo do tráfico de drogas. O início do terceiro episódio, “Segunda chance”, é representativo da circulação do dinheiro a partir da venda de drogas. A cena começa com uma visão de cima da favela e se direciona a um ponto de venda de drogas: um jovem compra o produto e Nando devolve o troco, vinte reais. A partir desse momento, a nota começa a circular: é entregue como doação na igreja; em seguida, a pastora usa os vinte reais na mercearia da favela; depois, a nota serve de troco para um senhor que vai até o mercadinho e que, por sua vez, a usa para pagar os remédios na farmácia; então, volta para as mãos de Nando, como troco, que foi até o estabelecimento comprar fraldas para a filha e, por fim, usa a mesma nota para pagar

o churrasquinho que ele compra no baile funk. A série nos apresenta todos os preconceitos envolvidos com o tráfico de drogas e mostra o modo como a comercialização contribui para a movimentação econômica que o comércio ilegal aciona. Do mesmo modo, em *Um país chamado favela*, os autores demonstram, no capítulo sobre a violência, que as UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora, implantadas em 2008) não surtiram totalmente o efeito planejado. Ao mesmo tempo que conseguiram desmantelar parte do tráfico, as unidades contribuíram para que a economia que vinha dele também mudasse de rumo, pois o Estado não ocupou o espaço deixado na circulação do dinheiro que a venda ilegal de drogas fazia girar.

Como contradição, o esforço pacificador atrofiou, pelo menos temporariamente, uma série de atividades econômicas tradicionais nas favelas. Sem a presença do tráfico, faliu o boteco, a *lanhouse* equipada com jogos *on-line* e até a quitandinha. Era o poder paralelo, além disso, que garantia o “gatonet” (a TV a cabo ilegal) e tornava gratuita a oferta de serviços como abastecimento de água e luz. Alterado o sistema, o morador passou a receber mensalmente boletos de pagamento, o que aumentou suas despesas. A proibição dos bailes funk, em particular, reduziu o movimento em uma série extensa de negócios, do salão de beleza à lojinha da senhora que comercializava shortinhos apertados para as meninas. (MEIRELLES; ATHAYDE, 2014, p. 142).

A discussão segue, pois ao mesmo tempo em que há circulação econômica, a rede de vendas de drogas contribui na guerra por tomada de territórios por parte das facções e milícias. Contudo, *Sintonia* mostra que o mesmo traficante, que entra no final da temporada para a facção criminosa, é capaz de fazer todo o esforço possível para ajudar os amigos. Ao final do sexto episódio, no momento em que Nando lê o estatuto e oficialmente entra para o grupo de traficantes, fica claro que é mais uma organização, assim como a igreja onde Rita é batizada e a produtora na qual Doni assina um contrato. Nesse momento, as cenas vão se misturando, e os textos de cada uma delas se intercalam, combinando textos e imagens distintos. No fundo, o que Nando quer é ocupar e ter uma voz dentro da sua favela, porém a saída que ele encontra é entrar para o tráfico. E, no momento da sua associação à família de traficantes, passamos a conhecer a identidade completa desse jovem, que, pela primeira vez, diz seu nome completo, Luiz Fernando da Silva, morador da Vila Áurea, São Paulo, nascido em 6 de maio de 2000 (ou seja, possui apenas 19 anos) e casado. Para ele, entrar para a facção é a possibilidade de afirmar a sua

identidade, um dos únicos momentos em que não é visto apenas através da sua cor de pele.

Rita, por seu turno, também quer ocupar algum lugar e ter sua voz ouvida nesse espaço periférico. Como já referido anteriormente, a jovem vai encontrar refúgio na igreja evangélica. Também no último episódio, quando é batizada – e todas as implicações que esse rito envolve, como o de “nascer de novo para uma nova vida” –, a jovem, pela primeira vez, vê a possibilidade de fazer parte de algo. Ao longo dos quatro últimos episódios, quando entra em contato com o pastor da sede da igreja e este a ouve, Rita percebe que pode romper com os discursos associados ao seu gênero e, ao se associar enquanto membro de uma organização, ganhar poder e legitimidade em sua fala. A igreja, contrariamente ao discurso estereotipado convencional, torna-se o espaço onde Rita pode ganhar destaque. Durante a série, vemos que é na igreja onde todos se encontram, desde o traficante chefe de Nando até as pessoas mais humildes que vão ao templo. Essa reunião de diferenças também está posta na pesquisa de Meirelles e Athayde:

Emerge do estudo, no entanto, um dado interessante que revela um possível processo de metamorfose na avaliação das manifestações culturais no campo da música. O estilo preferido nas favelas é o gospel, citado por 27% dos indivíduos ouvidos pelos pesquisadores. O samba, tão amado e popular, vem segundo lugar, citado por 17% das pessoas. Não há como determinar se essas respostas correspondem a alguma estratégia de autovalorização, tendo em vista que, para muitos membros das comunidades, viver a cultura evangélica pode ser considerado um indicativo de compostura e decência. (2014, p. 107-108).

O dado revela que boa parte da população ouve e compartilhada da cultura gospel/evangélica. Isso também é explicitado na série, no quinto episódio, “Faz teu nome”. Logo no início vemos Nando rezando antes de se encontrar com os chefes do tráfico – o jovem fora chamado pois havia matado o antigo gerente da loja de venda de drogas – e, ao final do mesmo episódio – uma das cenas mais emocionantes da série –, quando Doni encontra o pai morto dentro da ambulância, o fundo musical é uma música gospel, “Porque Ele vive”, cantada pelo jovem MC. O rompimento de estereótipo acerca da cultura evangélica se dá naquela possibilidade de conquista de espaço por Rita, mas também na fé dos outros dois jovens. A igreja dentro de *Sintonia* é o lugar de encontro de todos e o espaço onde Rita pode romper com os estereótipos que a marcaram, contudo, a partir do momento em que entra para a congregação, ela se torna “a evangélica”,

assumindo um outro estereótipo. Mas, com essa nova identidade, ganha respeito e admiração daqueles que antes a ridicularizaram, como a mãe de Cacau.

CONSIDERAÇÕES FINAIS EM VISTA DE UMA MESMA SINTONIA

Conforme vimos até aqui, o aparato social brasileiro, apresentado na série *Sintonia*, é composto pelos mais diversos estereótipos. Nessa conjuntura, é urgente que apareçam produtos culturais que rompam com essas ideias fixadas e de hierarquização.

Foucault insiste que a relação de saber e poder no interior do aparato é sempre uma resposta estratégica a *uma necessidade urgente* em um dado momento histórico. A força do discurso colonial e pós-colonial como intervenção teórica e cultural em nosso momento contemporâneo representa a necessidade urgente de contestar singularidades de diferença e de articular “sujeitos” diversos de diferenciação. (BHABHA, 1999, p.115, grifos do autor).

As diversas identidades apresentadas ao longo de toda a série contribuem para que determinados estereótipos, sempre determinantes, sejam rompidos. Rita, Doni e Nando são três jovens, como quaisquer outros encontrados nas favelas, que, cada um ao seu modo e com as condições que possuem, tentam conquistar o seu espaço dentro da sociedade. Entre os três, não há julgamento, mas suporte e sintonia. Vale dizer que o preconceito que se volta para eles é sempre de alguém de fora das situações pelas quais os amigos passam. Além disso, os três fazem parte de um grupo minoritário discursivo.

Os grupos minoritários são construídos como inferiores e como inadequados por aqueles que contêm o poder de definir a identidade do outro através do processo de atribuição, graças ao privilégio de ter acesso ao discurso externo concebido como essencialista e monolítico. (IMBERT, 2008, p. 47).

No fundo, como já demonstrado, a série quer redefinir as identidades dos sujeitos moradores das periferias, problematizando discursos essencialistas e monolíticos acerca da cultura do funk, do tráfico de drogas e das igrejas evangélicas. É referencial disso, no último episódio, o encontro dos três jovens na laje da casa de Doni. Enquanto comemoram as suas conquistas, o MC afirma: “cada um cresceu no seu corre. O bagulho tá foda!”, ao

que Nando complementa: “é, tá cada um correndo os seus corre, mas é pra sobreviver, tá ligado?” e Doni conclui: “independente do corre, a gente tem que tá junto pra sempre” (SINTONIA, 2019, VI). Cada um no seu corre luta como pode para sobreviver dentro do seu mundo de relações. Mas a relação de amizade e de sintonia que existe entre os três não deve ser quebrada.

Do mesmo modo, a música de fundo da última cena, “Capital das notas” – cantada pelo MC Menor MR e produzida por KondZilla com o DJ RD –, também reflete sobre: os sonhos de um jovem da periferia; os encantos do dinheiro fácil; a “postura” ou o modo de ser que contam mais sobre quem a pessoa é; o encanto que o mundo do crime possui, mas que é capaz de mandar o jovem para a prisão; a gratidão a Deus por todas as conquistas e que Jesus é o único dono de todo ouro e prata; e, conforme a epígrafe deste trabalho, o reconhecimento de que “é a voz do gueto gritando pro mundo / Que a favela também tem direito”. A música nos apresenta o orgulho do jovem sobre o seu local e a luta que ele possui, em meio ao discurso estereotipado, historicamente estabelecido no Brasil, de que a favela é o local da pobreza, da falta de cultura e da violência.

Pelo contrário, tanto *Sintonia* quanto a pesquisa, realizada por Renato Meirelles e Celso Athayde, demonstram uma outra realidade: “a maior parte das pessoas gostaria de manter o lugar, ou seja, o conjunto de significados que une a ocupação do território à construção das relações pessoais. [...] A arquitetura revela uma estratégia de cooperação e solidariedade” (2014, p. 165). As imagens que, durante a série, mostram toda a arquitetura da Vila Áurea são representativas da relação que os três jovens construíram ao longo do tempo, da sintonia que eles possuem e que foi constituída em meio ao conjunto urbano. O que precisa ser mudado não é o sujeito que mora em alguma favela, mas o olhar estereotipado de quem não conhece aquela realidade. É o discurso construído no Brasil sobre o outro, sempre tratado como objeto e não como sujeito, que necessita ser repensado e discutido. Conforme Doni afirma após ser questionado sobre o que ele quer: “Eu quero fechar com alguém que escute o que eu tenho pra falar da gente, da minha família, da favela também. Não que fique me olhando que nem um produto, tá ligado?” (SINTONIA, 2019, VI).

REFERÊNCIAS

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.

BOURDIEU, P. *A distinção*: crítica social do julgamento. Trad. Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. 2.ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2015.

IMBERT, P. *Theories of inclusion and of exclusion and the knowledge-based society*: Canada and the Americas. Québec, Canada: University of Ottawa, 2008.

MEIRELLES, R.; ATHAYDE, C. *Um país chamado favela*: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira. São Paulo: Editora Gente, 2014.

SINTONIA. Direção: KondZilla. Produção: Rita Moraes, Felipe Braga e Alice Braga. São Paulo: Los Bragas, 2019. Netflix (6 capítulos).

Recebido em: 30 jun. 2020.
Aceito em: 03 ago. 2020.